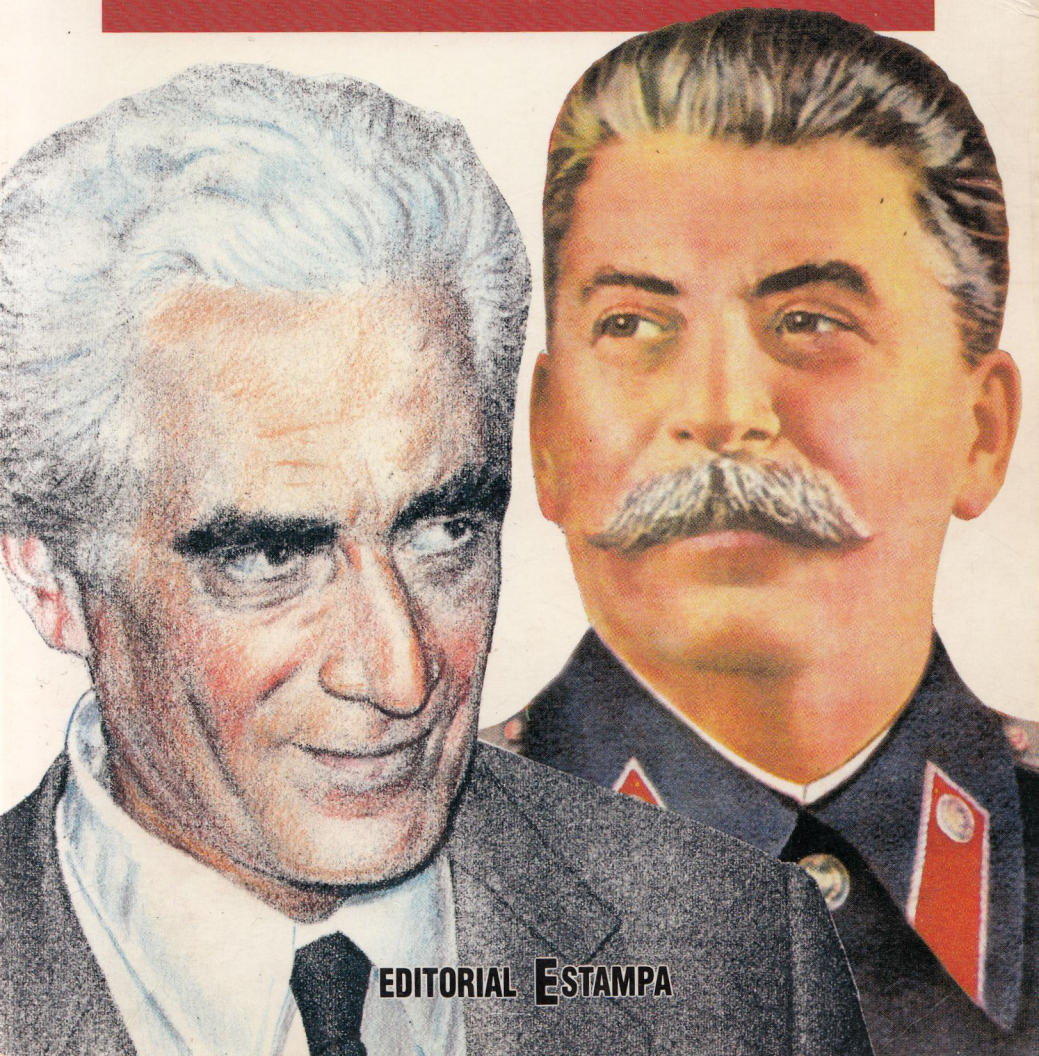


Histórias de **P**ortugal

João Madeira
Os Engenheiros
de Almas

O Partido Comunista e os Intelectuais



EDITORIAL **ESTAMPA**

O ambiente em Coimbra neste período há-de ser aproveitado por Fernando Namora, que o viveu intensa e directamente, para escrever, em 1943, *Fogo na Noite Escura*:

“- Evidentemente que toda a vida intelectual necessita de uma atitude, com todos os excessos, roupagens e dogmatismos inevitáveis. Até com o seu quê de posição, vamos lá. E vocês (...) os tais pretensos experientes, limitam-se afinal a condenar atitudes. Têm assim tamanha importância as atitudes? Que importam as atitudes? Importa o que decidimos resolver com os miolos, com uma estabilidade moral incorruptível! Colher do sofrimento íntimo um motivo literário é eliminá-lo. Quem especula com o sofrimento já não sofre. (...)

- Que charadas, meu Deus! - acudiu D. Marta. - Não sei como vocês não se aborrecem com tais conversas! Fazem-me dor de cabeça. E não te esqueças, Luís, de que não deves puxar pelo cérebro em plena digestão.

Zé Maria agitou-se na cadeira. Tinha o rosto afogueado. Sem reparar no apelo de D. Marta espicçou:

- Mas julgas tu que, no dia em que tivermos de sair para a rua, nos valerão de muito essas firmezas intelectuais?

- A soberana eficiência do homem de acção... - desdenhou Luís Manuel -, um pobre tonto que oferece os músculos a quem melhor lhe berrar ao ouvido, ou cuja intervenção directa nos problemas é mero pretexto de instabilidade e aventura...

Júlio, sentindo que o diálogo de novo lhe dizia respeito, saltou por cima dessas palavras:

- Os intelectuais, em face das tragédias que os rodeiam, satisfazem as suas responsabilidades iludindo-as com convicções muito sonoras, é certo, mas livrescas. Isto é: conservam-se prudentemente à distância...”

Em 1937 é feita, ainda em Coimbra, a tentativa de lançar uma revista cultural, sem preocupações de periodicidade regular, mas que reflectisse os novos caminhos da criação literária, mais homogeneizada do ponto de vista do ideário desta nova geração. Trata-se dos *Cadernos da Juventude*, que não chegaram a ser

distribuídos pois a polícia apreendeu praticamente toda a edição – teriam sobrado dois exemplares – na tipografia e queimou-a no pátio do Governo Civil, à imagem dos autos-de-fé.

António Ramos de Almeida escreverá em 1937 no semanário paramaçónico *Humanidade*, de Lisboa, num artigo intitulado *Panorama Literário da Mocidade de Coimbra - Necessidade de Revigoração das Jovens Gerações*, que “depois da geração presencista ainda não apareceu outra que com ela discutisse”, mas considerando a iniciativa dos *Cadernos* como de lançamento de uma nova era, que “profetizava fértil e duradoira”.

Fernando Namora, Frederico Alves, Manuel da Fonseca, Políbio Gomes dos Santos e Joaquim Namorado (com o pseudónimo Álvaro Bandeira) publicam contos e poemas. Abel Salazar é entrevistado. Manuel Filipe publica um interessante artigo sobre a missão do intelectual e o problema da cultura, em que polemiza com *La trahison des clercs*, de Julien Benda, publicado uma dezena de anos antes. Apela aos Intelectuais a abandonarem a sua “torre de marfim”, envolverem-se e comprometerem-se nos problemas sociais. Defende, no fundo, o paradigma do intelectual que seja o “companheiro e a consciência das massas que despertam para a vida”.

Esta iniciativa, que, segundo Luís de Albuquerque, nasceu das reuniões semanais que se faziam em casa de Cochofel, parece ter correspondido à necessidade de acção concreta, por parte da juventude coimbrã. Resultado de longas discussões, em que os pontos de vista nem sempre eram coincidentes, parecem expressar-se diferentes sensibilidades, tendo prevalecido perspectivas que não eram, por exemplo, as de Cochofel.

Fernando Lopes Graça, que fora professor de música de Cochofel na Academia de Coimbra, ao tempo radicado em Paris, trabalhando para o governo da Frente Popular nas *Maisons de la Culture* e colaborando nalgumas iniciativas do PCF, inteirado por carta da iniciativa e dos debates subjacentes, afirma concordar absolutamente com os pontos de vista de Cochofel, e acrescenta, “só lamento não terem prevalecido sobre os dos seus colegas, nitidamente menos corajosos”. Escusa-se, no entanto, ao convite que lhe era dirigido para colaborar.

O essencial da questão não estaria numa maior ou menor radicalidade do conteúdo da revista, mas, talvez antes, na necessidade de definir uma estratégia mais cuidadosa, a que alguns oporiam arroubos, entendidos como menos prudentes, precisamente por aqueles que dispunham de mais experiência ou orientação política.

Efectivamente os *Cadernos* teriam sido olhados com alguma desconfiança e resistência por parte dos sectores mais moderados ou ainda não sedimentados pelos novos valores e pelo novo ideário. E o que se parece depreender de uma nova carta de Lopes Graça, escrita também de Paris, algumas semanas depois, apreendida e queimada a revista, onde o distanciamento crítico é mais aberto:

“Quanto à revista ou aos Cadernos da Juventude, confesso-lhe que quasi esperava esse desfecho. Não o lamento, antes o filicito. Eu conheço bem a maior parte desses ‘meninos’, e sei bem o que eles valem e o que pretendem.”

O distanciamento de Lopes Graça e a própria posição de Cochofel podem revelar a falta de homogeneidade que este grupo ainda teria, em aproximação rápida, mas não automática ou fulminante, ao marxismo. Trazia os estigmas próprios da diversidade de percursos e itinerários que tiveram os seus membros, numa altura em que a conjuntura internacional os pressionava para convergências que se lhes afiguravam, no fundo, como moral e civicamente irrecusáveis, mas ainda não tinham optado, mantinham reservas e alguma desconfiança em relação àqueles cujo processo de clarificação ideológica estava mais consolidado.

O grupo que vimos designando como do quarto de Armando Castro é mais ideológico, menos literário e mais ensaístico, mais doutrinador. Será a principal base para a organização do Partido Comunista entre a juventude e a intelectualidade de Coimbra.